

A Cultura Indígena em Campanhas Radiofônicas¹

José Gerardo Vale MATOS Filho²

Aretha Karen Soares da COSTA³

Alessandra Oliveira ARAÚJO⁴

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

O artigo proposto tem, como tema, a identidade indígena, que está presente na brasileira, e visa fazer uma análise, através de uma campanha radiofônica realizada por alunos de publicidade, de como o índio está presente no nosso cotidiano, como nas palavras que se derivam do tupi, língua de origem indígena, até nos reflexos de aspectos culturais. O foco é a comunidade dos Tapebas, localizada em Caucaia, CE.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Tapeba; Campanha radiofônica.

INTRODUÇÃO

Como uma forma de resgatar a memória indígena do índio Tapeba e com a intenção de fazer com que mais pessoas conheçam suas particularidades, apresento um pouco sobre essa cultura, que já foi quase extinta e, agora, tenta se recompor e lutar pelos seus direitos.

Como afirma Gerson Augusto de Oliveira Junior, “... mostrar a cultura indígena contemporânea em sua riqueza e diversidade é a melhor forma de romper com os preconceitos, discriminações, estereótipos e idealizações construídas a respeito dos índios...” (1998, p15). Para alcançar esse objetivo, é necessário ter um contato mais aprofundado com os costumes e crenças desse povo.

Foi com essa intenção, que houve uma visita por parte dos alunos à tribo Tapeba, localizada em Caucaia. Lá, pôde-se conhecer um pouco de sua cultura, como o *toré*, ritual característico realizado em cerimônias de maior importância, como o Dia do Índio, 19 de Abril; até produções que servem como fonte de renda, desde artesanato até medicamentos naturais. Foi observado qual o papel do jovem índio nessas produções, qual o grau de interesse que eles têm pela cultura e como eles se adequam a essas tradições.

Desmistificar expressões como “programa de índio” e mostrar o real valor do índio é um dos objetivos das campanhas que serão analisadas neste trabalho. Com o slogan “Essência indígena, identidade brasileira”, foram produzidos um *spot* educacional, focando nas influências do tupi na língua portuguesa; um *spot* institucional, focando nos jovens índios que ingressam nas universidades; um *spot* comercial, focando no artesanato dos tapebas; e um *jingle* com letra e melodia autorais, onde se incorporava o índio à sociedade brasileira em toda a sua grandeza.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria III - Publicidade e Propaganda, modalidade e. Jingle.

² Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso Publicidade e Propaganda, email: gerardomatos@gmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso Publicidade e Propaganda, email: Aretha_karen@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Publicidade e Propaganda, email: aleoliver27@gmail.com.

Pelos registros da FUNAI, até a década de 80, foi ignorada a existência de índios nos estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Foi graças à Equipe de Assessoria às Comunidades Rurais – hoje, Equipe de Apoio à Questão Indígena – da Arquidiocese de Fortaleza, que foi reconhecida a existência de índios no Ceará. Esta passou a atuar junto à coletividade dos Tapebas.

Tapeba, que, do tupi, significa “pedra chata” é o nome da lagoa localizada nos arredores da tribo, que tem o mesmo nome, devido a uma enorme pedra chata que se encontra na lagoa.

Localizada em Caucaia, município do estado do Ceará, a tribo dos Tapebas é composta de 5.848 índios (FUNAI- 2007), que vivem em regime de contribuição, uns ajudando aos outros. Produzem peças de artesanato, desde bijuterias a instrumentos musicais usados em alguns rituais; fabricam remédios naturais, que são vendidos em sua Farmácia Viva, bem como xampus, condicionadores, sabonetes e óleos hidratantes para o corpo.

Com uma cultura bastante característica, os Tapebas seguem um calendário próprio anualmente, consistindo em experiências de previsão sobre como será o inverno, em janeiro, seguido da preparação de terra para as plantações, que ocorrem em fevereiro. A colheita da palha da carnaúba é feita em julho e, em agosto, o ritual de purificação das crianças é realizado. No mês seguinte, começam as preparações para as plantações e colheitas da mandioca, onde se inicia a fabricação da bebida *mocororó*. O ano se encerra com a colheita da mandioca, acontecendo em paralelo às *farinhadas*, que celebram a colheita.

O contato dos Tapebas com os brancos sempre existiu e é até difícil distinguir uns dos outros. Essa relação próxima entre eles tornou desinteressante essa distinção étnica. Essa mistura está cada vez mais homogênea.

Assim como todas as tribos indígenas do Nordeste, os Tapebas sofreram e sofrem repressões por sua origem. Eles não são reconhecidos como tal e, por isso, precisam lutar duplamente pelos seus direitos, como demarcações de terras. Um povo que descobriu tardiamente sua identidade e, desde então luta para se reafirmar em toda a sua essência.

Com a proibição imposta pelos donos de terras, os índios tapebas não podiam revelar a história de sua origem. Os mais velhos sabiam, mas durante muito tempo, os mais novos cresceram sem saber que possuíam sangue indígena.

Porque não podia dizer que era índio e tudo isso aí, os mais velhos traziam guardado, eles não abriam a boca pra nada. É tanto que os mais novos, para descobrirem a nossa origem, deu muito trabalho. Tinha uma velha aqui que morreu com 115 anos, uma índia velha, e, na caduquice dela, ela dizia: “Vocês querem saber da verdade? Tá na escrita”. Mas todo mundo dizia que ela estava caducando...E ela morreu dizendo isso....Então os mais novos botaram na cabeça que tinha alguma escrita por aí, em algum canto. Porque aquilo ali, a caduquice dela, era em cima do que ela tinha passado. E fomos atrás e encontramos. Tava na Igreja da Prainha, a escrita dos índios que tinham saído de Caucaia e tinham vindo pra cá. A quantidade de famílias e quais famílias. Tudo tava nessas escritas. E foi assim que nós soubemos da verdade, da nossa origem e do nosso povo. (Depoimento de Dona Raimunda, índia da Tribo Tapeba, 2009).

Pelo fato de esses índios terem sido quase extintos, muitas coisas de sua cultura se perderam. Histórias fictícias que eram repassadas pelos pais, não sobreviveram às novas gerações. Brincadeiras e fabricações de brinquedos próprios deixaram de ser realidade.

Mais pra trás, a gente brincava, se juntava, aquele monte de moças, rapazes, pais de família mesmo e brincava de noite de cipó de fogo, de roda, de grilo, de tudo a gente brincava de noite. Hoje é diferente. As crianças não querem mais brincar, não sei por quê. As bonecas de antigamente eram de sabugo (...) a gente brincava de peteca, feita de palha de milho (...) Eram muitas brincadeiras que a gente fazia, a gente cantava, e hoje em dia, nada disso tem mais. E eu compro coisas pra eles. Bola, muitas vezes a gente fazia bola de pano pra sair brincando e eu cansei de fazer bola de meia pra eles brincarem. E hoje em dia já é diferente. A gente compra bola de couro pra eles brincarem. (Depoimento de Dona Raimunda, índia da Tribo Tapeba, 2009).

Essa mudança de costumes se deu pelo contato maior com as pessoas urbanas. Jovens índios ingressando em faculdades, tecnologia invadindo as comunidades. Novos elementos surgindo e mudando o modo de vida e o olhar desses índios.

Através de um projeto de inclusão digital ocorrido há cerca de oito anos, pela ONG “Visão Mundial” em parceria com o “Conselho Comunitário Jardim da Natureza”, foi construída uma sala equipada com computadores e foram contratados professores capacitados para assessoria na forma de manusear as máquinas.

Essa inclusão digital, ao contrário de enfraquecer sua cultura, se fez importante até mesmo na luta sobre a posse de suas terras.

2 OBJETIVO

Mostrar a cultura indígena em toda a sua grandeza num contexto real, de forma que a sociedade urbana perceba que, independente de raça, crença e religião, temos a mesma essência.

3 JUSTIFICATIVA

O Brasil é composto por misturas e essa variedade cultural é sua característica principal, tornando-o especial.

O jingle apresentado tem a intenção de ressaltar essa variedade e seus aspectos positivos. Através da música, se consegue passar uma mensagem muito mais facilmente, principalmente quando se trata de uma melodia de fácil percepção e fixação.

Na letra, é mostrada uma busca por descoberta e uma percepção de que há muito mais do que julgamos saber por trás da história de nosso país. Além disso, há a exaltação de uma raça miscigenada e unida pela mesma identidade.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a produção, utilizou-se várias técnicas que facilitaram na elaboração e execução dos mesmos, por exemplo, a técnica do ‘tira e põe’ onde uma idéia é analisada acrescentando o

que poderia melhorá-la e retirando o excesso de informação até que seja alcançado o objetivo final. Nós utilizamos a repetição para facilitar o aprendizado; linguagem condizente ao nosso público alvo, os jovens, para o fácil entendimento e chamando atenção para a mensagem; melodia agradável e “chiclete”, pois fixa rapidamente; e métodos para dar melhor qualidade, como a utilização de instrumentos musicais (guitarra, baixo e bateria) para que o público jovem se identifique melhor com o estilo ‘pop-rock’ do jingle e coro em certo momento para causar a sensação de ápice da música e dar a abertura para o encerramento com o slogan, fazendo com que os ouvintes acompanhem o crescimento melódico e recebam com mais impacto a mensagem final.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a composição do jingle, foi de essencial importância a visita a Tribo dos Tapebas para conhecer suas tradições e história, não apenas para o trabalho, mas também para conhecimento cultural, já que a maioria das pessoas da turma nunca havia tido contato tão próximo com a cultura indígena. Após a visita decidimos que com o nosso jingle nós gostaríamos de passar a mensagem de que a cultura indígena está presente em todos nós até hoje e concluímos que o público-alvo seriam os jovens, já que eles seriam os precursores dessa mensagem no futuro. A partir desta idéia decidimos que o estilo musical seria o ‘pop-rock’ já que é o mais acessível a todos os grupos.

Ao escrever a letra procuramos tomar como base os sentimentos e atitudes da maioria dos jovens, como o pensamento de ‘já saber de tudo’ que é dito no início da música e a utilização de gírias como na frase ‘tribo indígena maneira’ o que facilita ainda mais a identificação dos jovens com o jingle.

O jingle, intitulado “Identidade brasileira” inseriu o índio, em toda a sua essência, à sociedade brasileira. Com um arranjo composto por instrumentos presentes no rock, vozes de tons e timbres distintos cantam a importância de todos terem vindo do mesmo lugar.

“Eu já sei de quase tudo que eu tinha pra saber
Sobre o mundo, o Brasil, só faltava conhecer
Conhecer o que o país traz atrás de sua história
E que toda nossa gente vem de um mesmo lugar.
(Refrão)

Nosso povo brasileiro
Temos sangue de guerreiro
Tribo indígena maneira
Índios do Brasil, identidade brasileira”.

(Aretha Karen, Gerardo Matos, Jorge Ferreira, Luciane Rodrigues e Zita Melo).

No processo de produção, foram convidados dois instrumentistas: um guitarrista e um baixista, para formarem o arranjo com uma base de bateria já existente, disponível no acervo do técnico de estúdio. As vozes pertencem aos integrantes da equipe, assim como a composição da letra e da melodia.

6 CONSIDERAÇÕES

Os Tapebas são um povo miscigenado. Desde sempre conviveram com os brancos e com duas culturas, em paralelo. Aprendem tupi junto com português, convivem em ambientes urbanos, como universidades, e, consomem produtos da terra junto com produtos

industrializados. Muitos deles souberam que eram índios depois de saberem que eram tapebas. Alguns não se aceitam como indígenas e outros levantam a bandeira de seus genes.

O hibridismo está presente nessa identidade, assim como na nossa. Não somos um só. Somos uma junção de tudo que nos cerca. Temos gostos, cores, formas e trejeitos distintos. O que nos define é, justamente essa identidade multifacetada e é essa diferença que nos faz iguais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA JUNIOR, Gerson Augusto de, **Torém – Brincadeira dos Índios Velhos**. São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, João Pacheco de, **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural do Nordeste indígena**. Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, Ravena Sombra Martins da, **A re-invenção cultural dos índios por meio da inclusão digital**. Fortaleza, 2009.